ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!

preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

Seu Azul

GUSTAVO PIQUEIRA & lote 42

Copyright © 2013 by Lote 42 para a presente edição
Copyright © 2013 by Gustavo Piqueira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do autor.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Capa, projeto gráfico e paginação: Gustavo Piqueira/Casa Rex
Revisão: Trisco Comunicação

1ª edição, 2013

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
Bibliotecária: Flávia L. B. Ranna Castainça CRB-7: 6117
P666s

Piqueira, Gustavo, 1972-
Seu azul / Gustavo Piqueira. - São Paulo : Lote 42, 2013.
208p. : il. ; 29 cm

ISBN 978-85-66740-04-2

•Ficção brasileira. 2. Relação homem-mulher - Humor, sátira, etc. I. Título.

CDD: 808.899282
05.09.2013

Lote 42
lote42.com.br
facebook.com/lote42
twitter.com/lote 42

Seu Azul é o livro nº4 da editora Lote 42

ANUNCIE AQUI
o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br
ANUNCIE AQUI
o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br
ANUNCIE AQUI
o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI

o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

ANUNCIE AQUI
o livro é a mídia certa para atingir seu público!
preços e demais informações:
comercial@lote42.com.br

Luiz Fernando* e Giuliana* chegaram a mim com uma queixa bastante usual, logo externada nas verbalizações iniciais da primeira entrevista: após dez anos casados, haviam perdido a conexão. Mal se encontravam, mal se falavam. Os poucos momentos a dois eram integralmente dedicados à resolução de problemas. Depois de um exaustivo dia de trabalho (ele como engenheiro civil numa incorporadora, ela consultora de marketing infantil), viam-se obrigados a encarar um turno extra. Contas a pagar, o desempenho do filho Allyson* na escola, a torneira da pia que pingava e pronto. "Boa noite", "boa noite". Apagavam cada um seu abajur e dormiam.

Desse modo, a busca pela terapia refletia tanto a constatação do problema quanto a demanda mútua por solução. "Precisamos reacender o romance", colocou Giuliana*. Romance é consequência, pontuei. É linha de chegada, não ponto de partida. Em primeiro lugar, fazia-se necessária a recuperação da intimidade perdida. Não a intimidade incolor de duas pessoas que dividem problemas, mas a de dois seres humanos que compartilham projetos de vida, ideais. "Falar é fácil. Cada um trabalha com uma coisa diferente, doutor. Chegamos em casa e não temos assunto... Só os mesmos probleminhas de sempre."

Com tal cenário delineado, não foi difícil estabelecer um enquadre. Luiz Fernando* e Giuliana* deveriam, antes de tudo, evitar a discussão de pendências cotidianas quando juntos. Que as resolvessem, por e-mail ou telefone,

---

* Todos os nomes atribuídos aos pacientes e demais pessoas aqui citadas são fictícios, em conformidade com o código de ética no que diz respeito à preservação da identidade dos sujeitos.

durante o horário comercial. Aos momentos a dois deveria ser permitido que exercessem sua vocação original e constituíssem, de fato, momentos a dois.

Minha primeira sugestão, os fins de semana, foi rechaçada com veemência. Almoço de sábado na família de um, domingo na de outro, compromissos sociais... Impossível. Sobravam mesmo os jantares em casa, de segunda a sexta.

Constatei ser essa uma possibilidade igualmente viável em termos de tratamento. Agora, bastava ao casal utilizar esse tempo para recosturar o laço de confiança e cumplicidade que os unira no passado. "Como?" Como? Conversem, conversem, conversem. "Conversar? Mas conversar sobre o quê?"

Sobre qualquer coisa. Qualquer coisa, menos probleminhas cotidianos ou queixas práticas. "Qualquer coisa?" Qualquer coisa. Assuntos de interesse geral, por exemplo. Assuntos que estão nos jornais. "Ah... Não dá tempo de ler jornal durante a semana." Artigos na internet, reformulei. "O senhor não faz ideia do que é trabalhar com marketing infantil, doutor. Não faz ideia. Mal dá tempo de ir ao banheiro!" Leiam as manchetes na internet, então. As manchetes não tomam tempo nenhum. De segunda a sexta, cada um de vocês escolhe uma manchete num dos grandes portais de notícia, anota e leva para casa como tema de discussão à mesa de jantar. "Pegar da internet? Tem muita porcaria na internet..." Minha escuta atenta compreendeu. E concordou. Frente à demanda por direcionamento, anotei num pequeno papel o endereço eletrônico dos quatro maiores portais de notícias do Brasil e entreguei ao casal, especificando que a manchete escolhida deveria, obrigatoriamente, estar destacada na página principal de algum deles. Desse modo, haveria a garantia de tratar-se de assunto sério, relevante e de interesse geral. "Vai funcionar?" Pacientemente, expliquei que terapia não é mágica, mas um processo de construção. Peça por peça, dia após dia.

Em seguida, abordamos a questão do filho, Allyson*. Afinal, ele também sentava-se à mesa de jantar todas as noites. Não que o garoto de sete anos interagisse com os pais. Pelo contrário, mal abria a boca. "Passa o tempo todo vidrado em Death Warriors." Frente a meu desconhecimento, explicaram. "Um jogo. Death Warriors. Joguinho eletrônico. Ele tem um castelo, treina guerreiros, destrói adversários, essas coisas... Ele se chama Seu Azul." Seu Azul? "Seu Azul." Questionei se o nome dele não era Allyson*. "Sim, o nome dele é Allyson*. Mas só o deixaríamos jogar se ele adotasse um apelido e nunca, nunca, fornecesse nenhuma informação real na internet. Não dá pra facilitar, com esse monte de pedófilos predadores soltos por aí." Comentei o quão intrigante era uma criança de sete anos elaborar um pseudônimo de tamanha complexidade semântica. Seu Azul. Uma cor? Ou um nome? Seu Azul delineava-se à minha frente como ato de ruptura, de expansão das possibilidades de percepção do sujeito para rumos infinitamente mais subjetivos, poéticos e — por que não? — humanos do que Carlos, Thiago ou João. Não, não. Basta de rótulos! Basta de jaulas pseudocivilizatórias! Azul. Quem sou eu? Sou azul. Azul. Turquesa, cobalto, celeste. Novos tons, múltiplas nuances. A vida como aquarela, fluida. Densa em alguns momentos, mas, após vigorosa pin-

celada, num instante tornada leve como o alvorecer. Azul. Seu Azul. "Na verdade, doutor, ele não queria 'Seu Azul'. Queria 'céu azul'." Céu azul? "Isso, céu azul. Mas pensou que se escrevia com 's'."

Interessante. Também era interessante. No entanto, ainda que as tessituras da dicotomia Seu Azul/céu azul possibilitassem diversos encaminhamentos, evitei aprofundar o recorte e retomamos a questão principal: o papel de Allyson* na recuperação do casamento. Tanto Luiz Fernando* quanto Giuliana* se sentiam culpados com a pouca atenção dedicada ao garoto. Por outro lado, caso removessem do caminho as discussões do dia a dia, não arriscariam tornar o jantar uma ocasião integralmente dedicada à criança e, assim, seguir distantes um do outro?

Desnecessário afirmar que, por postura ética, eu não poderia recomendar que simplesmente prosseguissem relegando o menino ao universo alienante dos jogos eletrônicos. Mas a intervenção de ambos fazia sentido: a possibilidade de Allyson* ocupar o papel de "assunto eterno" dos jantares era latente. Sugeri então o desenho. "Desenho?" Sim. Deem a Allyson* uma folha de papel e um estojo de crayons. "Crayons?" Lápis de cor. Peçam a ele que desenhe, toda noite, uma livre representação do jantar. "Representação do jantar?" Exato. Livre, livre. O desenho desenvolve a visão de mundo individual, potencializa o direito de expressão da criança. E cria um diálogo indireto com o sujeito parental. "O desenho?" Exato, o desenho. O traço à mão, fluido, solto. É um modo de cuidarem de Allyson* sem que isso inviabilize a retomada do casamento de vocês. O discurso imediatista ressurgiu, impaciente e ansioso: "Vai funcionar?" Porém, antes que eu voltasse a dissertar sobre a dinâmica do processo terapêutico, assimilaram o enquadre e, dado que a sessão chegava ao fim, optaram por gastar os últimos minutos recapitulando a direção do tratamento.

"A gente escolhe, na página principal dos grandes portais digitais de notícia, uma manchete." Certo. "Como estará na primeira página, é um assunto relevante e de interesse geral." Certo. "E, como são órgãos de comunicação importantes, não será uma bobagem qualquer." Certo. "Toda noite, no jantar, discutiremos uma dessas manchetes." Certo. "E, assim, voltaremos a ter assunto." Certo. Entendam que, no começo, pode parecer um processo artificial, forçado. Mas é uma primeira etapa. Uma vez readquirido o hábito, a ferrugem afetiva será dissipada e todo o resto virá, naturalmente. "Quanto tempo dura essa primeira etapa?" Três semanas. De segunda a sexta, por três semanas. Aí, agendamos o retorno. "Quem começa?" Quem começa? "É, quem começa? Quem é o primeiro? Não traremos assuntos em dias alternados?" Exato. "Então, quem começa?" Tanto faz. "Não, não. Tanto faz, não. Se é para fazer, vamos fazer direito e decidir agora." O impasse foi rapidamente solucionado após uma melhor de cinco no par ou ímpar — na qual assumi o papel de árbitro —, que teve Giuliana* como vencedora, incumbida de selecionar o assunto para a primeira discussão.

Satisfeitos, os dois se levantaram e, logo que Giuliana* tirou da bolsa o talão de cheques, avisei que só aceitava pagamento em dinheiro.

SEGUNDA-FEIRA, 11 DE MARÇO

Gata do papa está entre bichos da semana

— "Gata do papa está entre bichos da semana"?

— Gata do papa está entre bichos da semana.

— Tem certeza de que essa notícia se encaixa nas regras que o doutor Rogério* passou?

— Claro que tenho, Nando*! Está me chamando de trapaceira?

— Eu? Não!

— De burra? Se desconfia...

— Não desconfiei, Giu*. Não desconfiei. Juro.

— Jura mesmo?

— Juro, juro.

— Então: gata do papa está entre bichos da semana.

— Gata do papa está entre bichos da semana...

— Isso. Entre bichos da semana.

— O papa é o papa, certo? O da igreja?

— Sim. Não creio que exista outro.

— E a gata dele venceu um concurso.

— Um concurso?

— Um concurso. "Bichos da semana" deve ser um concurso.

— Será?

— Claro, Giu*. Houve uma seleção de quais bichos mais se destacaram durante a semana, e a gata do papa foi um deles. Por isso, mereceu destaque entre os "Bichos da semana"...

— Tipo uma eleição? Com votação aberta?

— Eu não disse que era aberta. Talvez um comitê de especialistas em bichos se reúna, toda semana, para eleger os bichos de maior destaque pelo mundo.

— Talvez.

11.03

— O que será que a gata dele fez de tão incrível?

— Não sei. Gatos em geral não fazem muita coisa. São mais na deles, mais independentes. Cachorros é que gostam de interação. Sempre aparece algum que realizou um ato heroico. Salvou uma criancinha, prendeu ladrões.

— Verdade.

— Mas, por ser a gata do papa, é provável que ela possua algum dom especial.

— Dom especial?

— Sim. Afinal, o papa é o papa.

— O papa é o papa.

— Ela já era gata do papa antes de ele virar papa?

— Não sei. Faz diferença?

— Faz, evidente. Porque se o papa a escolheu depois de virar papa deve ter sido por algum motivo específico.

— ?

— Talvez ela tenha realizado um milagre.

— Uma gata?

— Não é uma gata qualquer, Nando*! É a gata do papa! E se de fato ela realiza milagres, isso explica o porquê de estar entre os bichos da semana.

— Nunca ouvi falar em animais realizando milagres.

— Se humanos realizam, por que não gatos ou cachorros?

— Giu*! Humanos são humanos! Nada a ver...

— Por quê? Somos todos animais...

— Pelo amor de Deus! Você está querendo dizer que eu e o cachorro da mulher do sétimo, o... Como ele

se chama?

— O cachorro da mulher do sétimo?

— É.

— Rocky.

— Rocky?

— Rocky.

— Por causa do Rocky Balboa?

— Provavelmente.

— Nossa... Que brega.

— Combina com ela.

— Combina, combina sim. Será que ela já teve outro cachorro chamado Rambo?

— Nando*...

— Ou Falcão?

— Falcão?

— Falcão. Também do Stallone. Um caminhoneiro campeão de braço de ferro que tenta vencer um torneio para ter seu filho de volta, pois sua ex-mulher, rica, morreu doen...

— Nando*...

— Tango e Cash? Com Kurt Russell. Os dois s...

— Naaaaandooooooo*!!!!!

— O que foi?

— Como "o que foi"? A gente vai passar o jantar discutindo a filmografia do Sylvester Stallone nos anos 80?

— Não é um assunto?

— Não! Não é um assunto! Pelo menos, não um assunto para nós dois! Guarde-o para os happy hours com o Garcia*. Aliás, bem melhor do que ficarem falando de mulher, o tema preferido dos dois, aposto!

— ?

— Vai me dizer que não?

— Que não o quê?

— Que não ficam falando de mulher?

— Não, não ficamos.

— Ah, me engana que eu gosto!

— Não ficamos! Não ficamos não!

— Então, falam sobre o quê?

— Sobre coisas da vida, ora! Coisas da vida!

— Outras mulheres não são "coisas da vida"? Não? São o quê?

— ...

— E não faz essa cara de saco cheio!

— ...

— "..." digo eu!

— Vamos retomar, Giu*? Por favor?

— Retomar o quê?

— Nossa conversa. Doutor Rogério*, a gata do papa... Lembra?

— Tá, tá. Desculpe...

— Onde estávamos?

— Você achou um absurdo a gata do papa ser capaz de realizar um milagre.

— Ainda acho. Absurdo.

— O que reafirma sua cabecinha antiquada...

— Cabecinha antiquada? Não acreditar que uma gata possui poderes sobrenaturais é atestado de atraso mental?

— Não. Mas insistir que humanos e bichos são

completamente diferentes é.

— Lógico que são!

— Somos todos animais, Nando*. Os bichos se parecem mais conosco do que você imagina.

— Só se for com você. Eu e o Rocky Balboa do sétimo não temos absolutamente nada em comum, Giu*! Nada! Sou humano, cacete!

— Humano?

— Humano!

— O que significa?

— O que significa?

— É. O que significa ser humano?

— Que papo é esse?

— Responde.

— Significa que pensamos. Bichos não pensam.

— Defina "pensar".

— Pensar é pensar. Pensar, refletir, raciocinar... Fazer contas de matemática, por exemplo.

— Bichos também raciocinam...

— Puta que pariu! Põe uma equação na frente da gata do papa e vê se sai alguma coisa!

— É outro tipo de raciocínio, noutro tipo de linguagem.

— Religião, então. Deus. Você acha que a gata do papa acredita em Deus?

— Ora, se ela não acreditar, quem mais vai?

— Ah, claro! Toda noite, ela se ajoelha no cestinho de vime, segura o terço e reza o pai-nosso. Claro! Noutro canto do mundo, um padre gato tenta traçar os filhotes de gato da paróquia. Já para os lados do Oriente Médio, os bichanos se viram para Meca cinco vezes ao dia, enquanto na Índia eles pas...

— Nando*, me avacalhar não vai fazer você ter razão. Eu não disse que somos todos exatamente iguais, mas que, em diferentes estágios de evolução, temos princípios básicos muito semelhantes.

— Princípios básicos?

— Nascimento, morte. Afeto, raiva, sexo, comida. Instinto de preservação. Dor e alegria.

— Alegria? Um pernilongo tem alegria?

— Lá vem você de novo... Cada um se emociona de um jeito. Um cachorro, por exemplo, age diferente de um canário quando tem fome.

— Como você sabe? Está redirecionando sua carreira para zoomarketing e não me avisou?

— Nandinho*, meu amor, chega de ironia mequetrefe. Não vai adiantar. O ponto é que, até agora, você não conseguiu definir o que faz do homem algo tão diferente dos outros animais como você gostaria de acreditar.

— Como eu gostaria de acreditar?

— Sim.

— E por que eu iria querer isso?

— Sei lá. Autoafirmação? Sentir-se especial?

— Você enlouqueceu! Realmente acha que preciso me comparar a um vira-lata para me sentir especial?

— Quem sabe você não esteja tão irritado porque a gata do papa entrou nos "bichos da semana" e você não?

— Agora quem está cheia de graça é você... Rá...

Rá... Rá... Olhe só como estou gargalhando... Rá..... Rá..... Rá..... Sabe muito bem que só quero derrubar sua tese idiota de que gatos podem fazer milagres!

— Mas a discussão já não é mais essa. Estou apenas esperando você me apresentar uma definição sólida do que significa ser humano.

— Giu*...

— Continuo esperando.

— Mas são tantas coisas...

— São? Tantas quais?

— Tantas muitas...

— Quais?

— Giu*, por favor...

— Quais?

— Quais?

— Quais?

— Este bife à parmegiana.

— O que tem o bife à parmegiana?

— É uma definição sólida do que significa ser humano.

— Este bife?

— Não especificamente este. O bife à parmegiana como um todo.

— ?

— Nenhuma outra espécie sobre o planeta possui a capacidade de preparo do bife à parmegiana. Herança cultural, potencial de inventividade, sofisticação dos sentidos, evolução das ferramentas: todo o esplendor da raça humana encontra-se sintetizado nesta travessa. É isso. Este bife arrasa, de forma definitiva, sua tese idiota.

— Peraí, deixe-me ver se compreendi: você está afirmando que o que diferencia o homem dos outros animais é o bife à parmegiana?

— Não é o único item. Mas, com certeza, um dos principais.

— O bife à parmegiana?

— O bife à parmegiana.

— E na África?

— O que tem a África?

— Na África, até onde eu sei, não se preparam bifes à parmegiana. Africanos não são humanos, então?

— Claro que são. Têm a possibilidade de preparar, entendeu? A possibilidade. Assim como os vegetarianos. Uma lagartixa, por outro lado, não tem. Mesmo que more na cozinha de um restaurante em Parmegia.

— Parmegia?

— Parmegia, na Itália. Berço do bife à parmegiana.

— Existe? Parmegia?

— Existe, claro. "À napolitana" vem de Nápoles, "à romana", de Roma e "à parmegiana", de Parmegia.

— Não é Parma?

— Parma? Não. Se fosse, o nome seria "à parmana". Ou "à parmense". "À parmegiana" é de Parmegia.

— Nunca ouvi falar...

— Problema seu, querida. E, como eu ia dizendo, nem que morasse num restaurante de Parmegia, uma lagartixa teria a possibilidade de preparar um bife à parmegiana.

— Ser humano, portanto, é ter a possibilidade do bife à parmegiana?

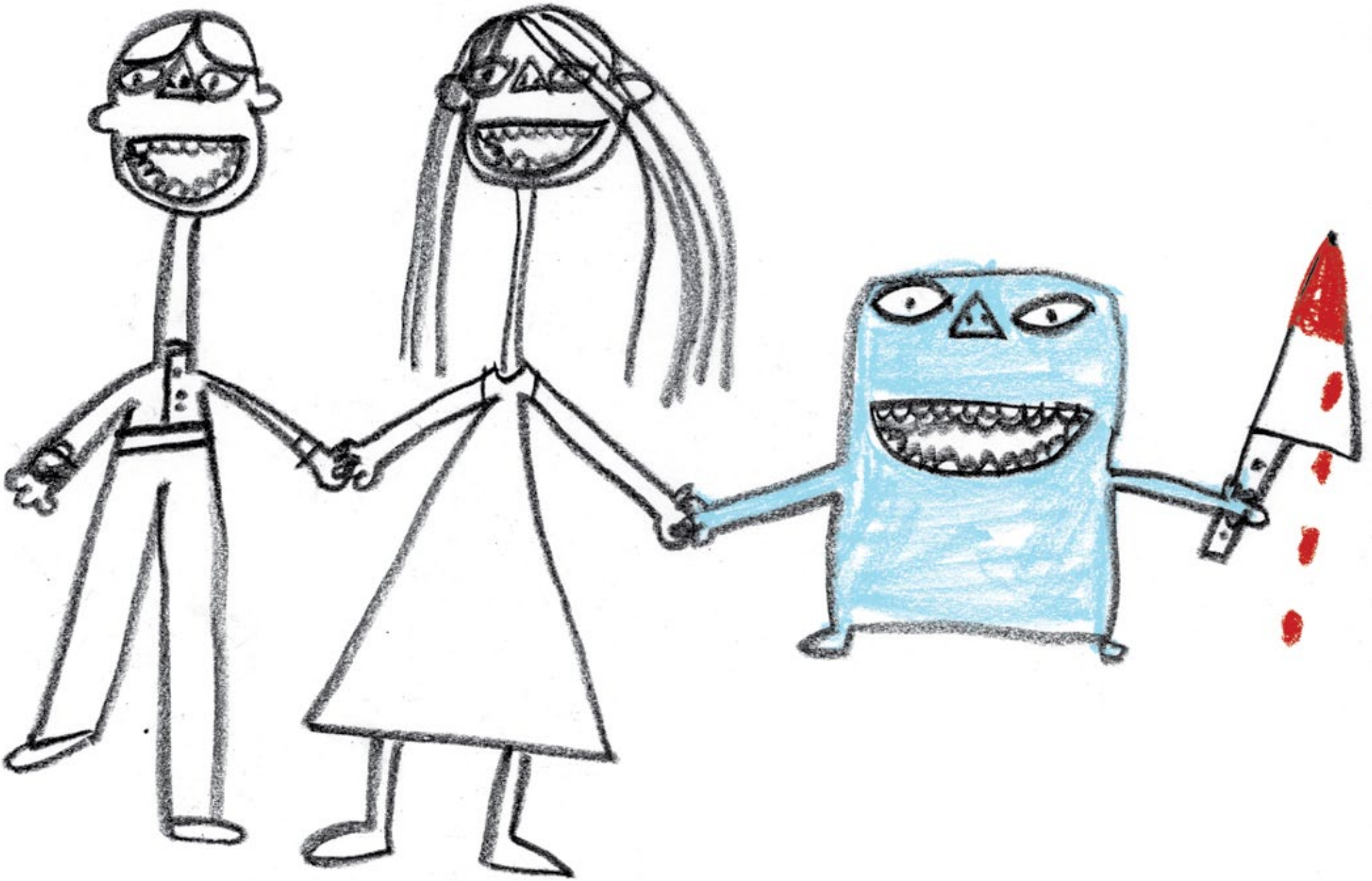
— Sim. Ser humano é ter a possibilidade do bife à parmegiana.

— Ai, meu Deus...

— O que foi?

— Será que o Allyson* puxou seus genes em termos de inteligência?

— O Allyson*? O que tem o Allyson*? Está todo compenetrado, desenhando com seus lápis de cor. Nem aí pra nossa discussão. O que tem ele? Não entendi...

— Nada, nada não. Só uma preocupação que passou pela minha cabeça. Deixa pra lá.

— Bom, voltando ao assunto bife à parmegiana: a humanidade já provou outros bem mais saborosos do que este aqui, hein? Fica esperta, pois o Joel* está nos enrolando e vendendo patinho disfarçado de filé-mignon.